
Um desastre midiático: uma análise televisual da cobertura do “MG1” sobre o rompimento da barragem da Samarco em Mariana (MG)¹

Pedro Augusto Silva MIRANDA²

Aline da Fonseca PINNA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A proposta do presente trabalho é analisar as formas narrar a morte no telejornal local “MG1” a partir do rompimento da barragem da Samarco em Mariana e buscar compreender como se dá a cobertura jornalística da “Globo Minas” antes e depois do desastre. A análise será realizada a partir da proposta metodológica da Análise Televisual (AT) (BECKER, 2012). Como parte dos resultados obtidos foi possível detectar a existência de três fases da cobertura realizada pelo telejornal local.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Mídiação; Morte; Barragem; Mariana.

Introdução

No momento em que este artigo é finalizado, o Brasil já registra⁴ mais de 150 mil vidas perdidas para a Covid-19, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde (2020). Em todo o mundo as vítimas já ultrapassam a marca de um milhão de mortos⁵, segundo a Organização Mundial da Saúde (2020). A relevância e a perplexidade causada por crises sanitárias, como a da pandemia da Covid-19, ou por tragédias, como o desastre minerário da Samarco em Mariana (MG), em 5 de novembro de 2015, ganham as páginas dos veículos impressos, o rádio e as telas.

Para investigar os atravessamentos das formas de narrar a morte na mídia e refletir a relação da contemporaneidade com a vida, em 2019 o grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias (UFJF/CNPq)” propôs como tema do dossiê de pesquisa anual uma investigação sobre as narrativas de morte em diversos suportes. O presente trabalho,

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação no PPGCOM/UFJF. Bolsista Pós-graduação PBPG/PROPP/UFJF, integrante do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF), e-mail: miranda.pedrosilva@gmail.com.

³ Mestra em Comunicação no PPGCOM/UFJF, integrante do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF), e-mail: aline.pinna@yahoo.com.br.

⁴ Dados obtidos em 12 out. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

⁵ Dados obtidos em 12 out. 2020. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

portanto, é um desdobramento/consolidação dos resultados preliminares obtidos e das discussões realizadas durante o evento de apresentação dos projetos de pesquisa resultantes da proposta do dossiê.

O objetivo principal do trabalho, que contou com a participação do graduando e bolsista de iniciação científica Matheus Canil de Souza⁶ em sua elaboração, é analisar as formas narrar a morte no telejornal local “MG1” a partir do rompimento da barragem da Samarco em Mariana e buscar compreender como se dá a cobertura jornalística da “Globo Minas” antes e depois do desastre. O programa telejornalístico foi selecionado por ser um dos noticiários de maior audiência na capital mineira no horário do almoço e ter dedicado amplo espaço à cobertura do rompimento da barragem da Samarco. A análise das edições será realizada através da proposta metodológica da Análise Televisual (AT) (BECKER, 2012).

A cidade, a morte midiaticizada e a construção de memórias

A cidade surge como um centro social e econômico multidimensional que impõe um trabalho que conjugue estudos variados como de um historiador, antropólogo, político, sociólogo, economista, arquiteto, fotógrafo, literato, etc. (CASTRO, 2006). São esses olhares que nos permitem aproximar, ler, identificar e interpretar o ambiente urbano na concepção de um novo humanismo vigente.

As cidades do Brasil têm na memória um passado remoto com rastros arqueológicos. As cidades tem registros e uma simbologia histórica. Tendo em vista esse resgate da memória local, Castro (2006) explica que o cinema e a TV proporcionaram a construção de um imaginário coletivo nos séculos XX e XXI. A televisão, objeto de estudo desse trabalho, portanto, atuaria no desenvolvimento de um “real”, do cotidiano, da memória coletiva e na elaboração de tipos. Deste modo, “a comunicação midiática audiovisual contribuiu, igualmente de forma decisiva e agora imediata, para apresentar e recriar cidades próximas ou distantes” (CASTRO, 2006, p. 18).

Marialva Barbosa (2004) também argumenta sobre essa presença da memória individual e da coletiva. A individual se realiza num quadro social e enfatiza as

⁶ Graduando em Rádio, TV e Internet, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, integrante do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF). Bolsista BIC/UFJF. E-mail: matheus.canil@gmail.com

manifestações de recordação em grupo. Já a memória coletiva podemos também entender como “memória histórica”. É a memória de um acontecimento passado vivido em comum por um grupo com testemunhos, histórias de vida e as autobiografias.

A tradição do Jornalismo, sobretudo da imprensa regional/local, é a de resgatar a ordem, de delimitação dos problemas e dos territórios urbanos, priorizando o conteúdo jornalístico local/regional, a incorporação do cotidiano urbano e concessão de seu espaço de poder a parte da população dos municípios. A representação midiática de acontecimentos marcantes, como tragédias e mortes, por exemplo, estabelece uma proximidade a ambientes conhecidos ou desconhecidos com uma perspectiva carregada de expressão, construções e valores de forma documentada ajudando a construir uma memória da localidade e/ou do evento.

Diariamente o Jornalismo lida com a questão do valor-notícia. Um acontecimento torna-se apto a ser noticiado quando é considerado importante, por determinado grupo, para um determinado público, seguindo os critérios de noticiabilidade. Sendo assim, quanto maior a relevância/importância do fato, julgada por determinado grupo, maior a chance de ser noticiado. A morte, por exemplo, é um tema que sempre recebeu destaque no jornalismo. Catástrofes, crimes e acidentes, de acordo com suas proporções ou causas, se tornam mercadorias a partir dos critérios de noticiabilidade.

Em seu trabalho sobre as manchetes e as cabeças do “Jornal Nacional” sobre o rompimento da barragem da Samarco em Mariana, também desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias”, Florenzano (2018) destaca que são eventos como esse, considerados graves e de grandes proporções sociais e ambientais, que chamam a atenção do público, sobretudo no telejornalismo, pela potência das imagens exibidas. São acontecimentos que rompem com a rotina, que trazem o choque emocional e a empatia das pessoas, que atuam na construção de memórias.

Deste modo, quando falamos da cidade de Mariana ou do distrito de Bento Rodrigues, por exemplo, evocamos imagens e narrativas do desastre ocorrido em 2015. A cobertura midiática atribui, portanto, aos lugares em que ocorrem acidentes e tragédias uma ideia de imortalidade (BARBOSA, 2004). A morte sai dos lugares restritos e ganha a cena midiática. Logo, há uma preservação de momento no qual a morte e o terror são fatores de reconhecimento.

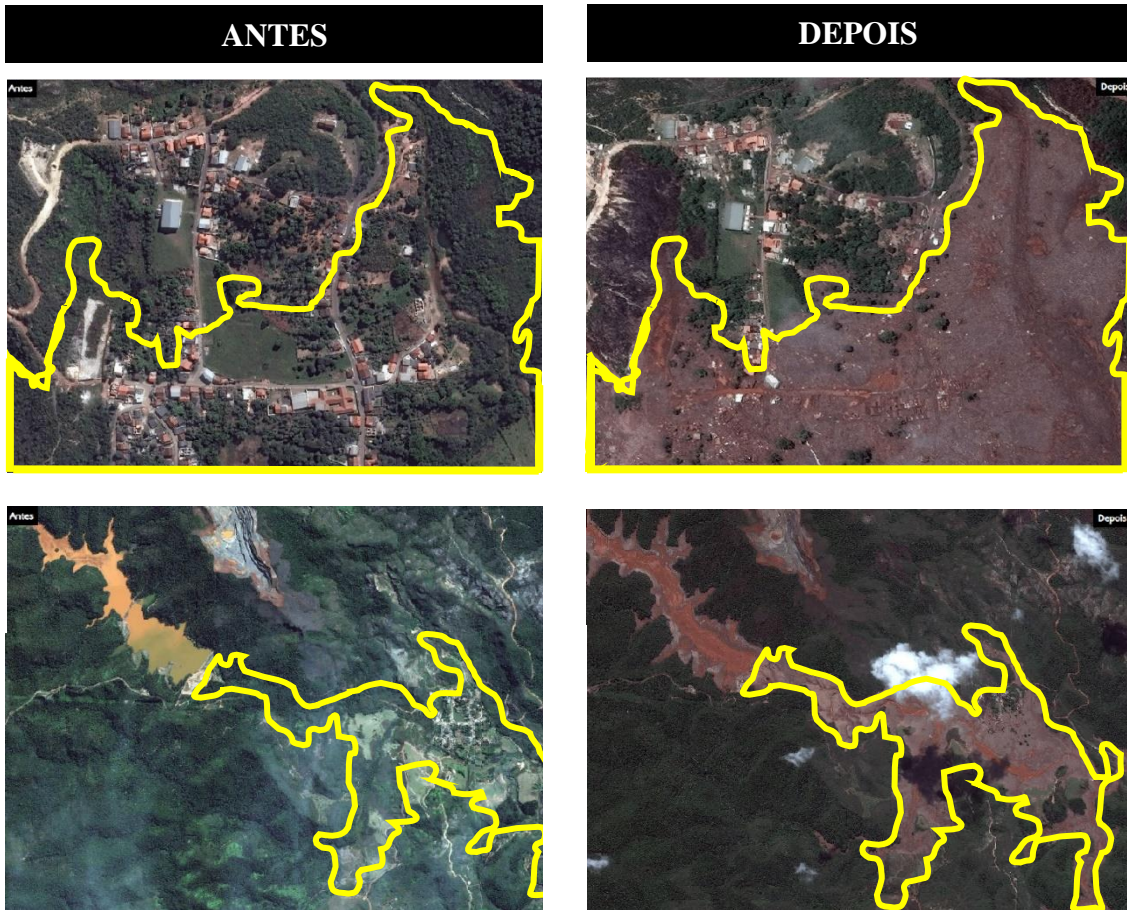
O rompimento da barragem da Samarco em Mariana

O município de Mariana, em Minas Gerais, também é conhecido pela atividade extrativista minerária, para além de seu valor histórico e patrimonial. Na região estão instaladas plantas industriais para a extração de ferro e de outros minerais. “As barragens são feitas para impedir que rejeitos tóxicos, que são liberados durante a extração de ferro, se espalhem pela região” (FLORENZANO, 2018, p. 34). Um dos maiores complexos minerários na região é gerido pela Samarco Mineração, pertencente às duas maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale e a anglo-australiana BHP Biliton. Em 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, operada pela Samarco, se rompeu criando uma massa de lama de rejeitos de minério que atingiu quase totalmente o distrito de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, situados a cerca de 35 quilômetros da sede do município, Mariana.

Em um percurso devastador a massa de rejeitos matou 19 pessoas, entre trabalhadores da mina e moradores da região, e deixou cerca de 300 famílias desabrigadas. A lama afetou ainda o rio Doce, ocasionando a possível extinção de parte da fauna e da flora nativas. Além disso, prejudicou a atividade pesqueira no curso do rio que corta 230 municípios nos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Florenzano (2018) resgata os acontecimentos do dia 5 de novembro de 2015 ao destacar que às 15h30 a barragem de Fundão apresentou uma rachadura com vazamento. Uma equipe técnica da empresa foi enviada ao local para descomissionar a barragem, a fim de evitar o colapso da estrutura. Às 16h20, a barragem se rompeu. A lama de rejeitos da extração do minério de ferro se espalhou pelo vale do córrego Santarém atingindo o distrito de Bento Rodrigues, localizado cerca de dois quilômetros e meio abaixo da área da barragem, sendo a região mais atingida. O local foi quase totalmente inundado e destruído pela massa que desceu de Fundão, como pode ser observado na **Figura 1**, com imagens de satélite que registraram o antes e depois da área afetada pelo rompimento.

Figura 1 – Imagens de satélite da região de Bento Rodrigues antes e depois do rompimento da barragem



Fonte: G1/ DigitalGlobe/ Globalgeo Geotecnologias/ Reprodução

Outros locais afetados decretaram estado de calamidade pública, principalmente, por falta de água potável.

Outros vilarejos e distritos situados no vale do rio Gualaxo também foram atingidos pela enxurrada. A lama veio destruindo casas, paisagens naturais, entre outros elementos. Bento Rodrigues ficou isolada por terra, pois no local e nos arredores não tinha nenhum plano de contingência ou plano de fuga em caso de sinistro (FLORENZANO, 2018, p. 35).

Os danos ambientais, econômicos e sociais foram inúmeros.

No local onde a lama passou, o processo de solidificação dos rejeitos deve demorar, impedindo novas construções. Assim quase nenhuma espécie de vida conseguirá se desenvolver no local, já que a lama não é uma fonte de nutriente (FLORENZANO, 2018, p. 35).

De acordo com o Ministério Público Federal (2016), o desastre minerário gerou 14 toneladas de peixes mortos, a degradação atingiu mais de 240 hectares da mata Atlântica, das 195 propriedades rurais atingidas, 25 foram completamente devastadas, e houve um vazamento de mais de 40 milhões de m³ de rejeitos. Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (2016), os poluentes ultrapassaram a barragem de Santarém, percorrendo 55 quilômetros no rio Gualaxo do Norte até o rio do Carmo, e outros 22 quilômetros até o rio Doce e, foram percorridos, no total, 663,2 quilômetros em cursos d'água.

A região de Mariana antes e depois do rompimento da barragem no “MG1”

Conforme citado anteriormente, o objeto de estudo do presente trabalho é o telejornal local “MG1”, transmitido para a área de cobertura da “Globo Minas” (região metropolitana de Belo Horizonte).

O “MGTV”, atualmente “MG1/MG2”, estreou em 1983 ocupando a faixa local de telejornalismo da Globo no estado de Minas Gerais. O telejornal destaca as notícias do dia no estado, antes presentes apenas nos telejornais de rede, além de atribuir identidade local e “efeito de certificação” ao noticiário local/regional. Inicialmente presente apenas no horário noturno, o telejornal logo ganhou uma versão vespertina apresentada pelo jornalista Arthur Almeida e foi nomeado como “MGTV - 1ª Edição”.

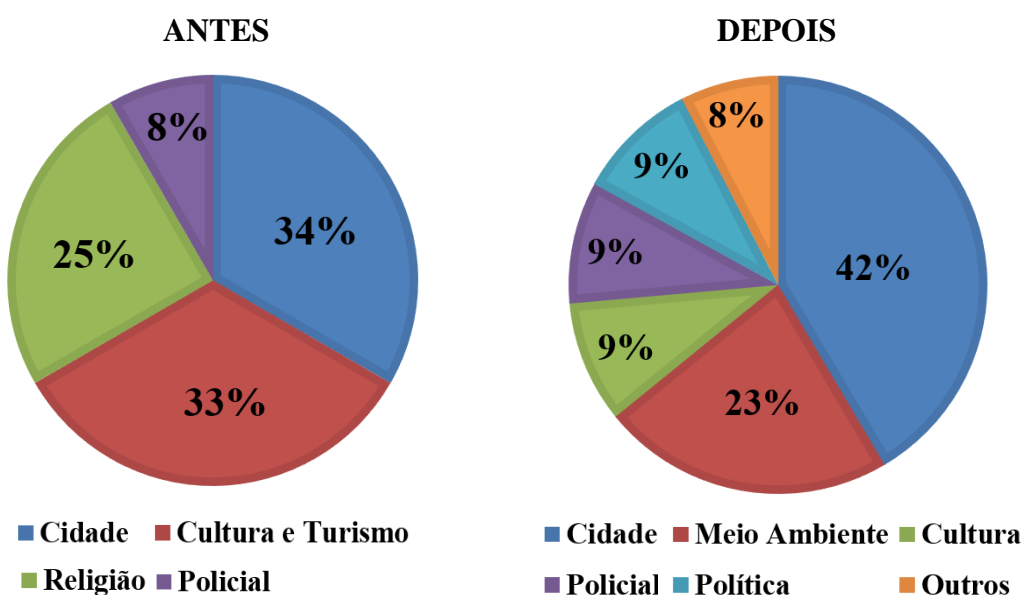
Em quase quatro décadas de exibição, o formato do “MG1” mudou, ganhando um perfil mais dedicado à prestação de serviço, a interatividade e a assistência à população. Com um tom de denúncia, o quadro “MG Móvel”, por exemplo, é um dos destaques na prestação de serviços no formato atual. Os repórteres apuram denúncias e reclamações da população, como buracos de rua, falta de saneamento, por exemplo, e tentam soluções para retornar aos bairros com soluções/respostas do poder público, cumprindo um dos preceitos do telejornalismo local.

Em 2017, assim como em outras praças, o “MGTV - 1ª edição” teve a identidade visual alterada, ampliou a participação do público pelas redes sociais e passou a ser chamado como “MG1”. Em 2019, a jornalista Aline Aguiar substituiu Isabela Scalabrini na apresentação do telejornal.

Para buscar compreender como se dá a abordagem jornalística da cidade/região de Mariana no “MG1” antes e depois do desastre realizamos um levantamento a partir da busca pela palavra-chave “Mariana” no repositório de vídeos do “MG1” no site⁷ “G1”. O levantamento é dividido em dois períodos com um número igualitário de dias, antes e depois do rompimento da barragem: de 11 de outubro de 2012 a 4 de novembro de 2015 (dia anterior ao rompimento da barragem e início da cobertura do “MG1”), com 12 vídeos encontrados, e de 6 de novembro de 2015 (dia seguinte ao rompimento da barragem) a 29 de novembro de 2018, com 159 vídeos encontrados.

O procedimento consistiu em uma “leitura flutuante” (BARDIN, 2011) das matérias disponibilizadas no repositório a partir da palavra-chave estabelecida, ou seja, todas os vídeos foram assistidos e analisados, e, na posterior classificação da editoria de cada reportagem. Algumas das editorias encontradas foram: “cidade”, “meio ambiente”, “cultura”, “política” e “policial” e podem ser observadas a seguir. Veja o **Gráfico 1**.

Gráfico 1 – Mariana no “MG1” antes e depois do rompimento da barragem



Fonte: Desenvolvido pelos autores

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Com base nos dados e resultados obtidos a partir desse levantamento, percebe-se o aumento expressivo de matérias exibidas no “MG1” sobre Mariana após o desastre se comparado ao período anterior. Antes do rompimento, a cobertura sobre a cidade no “MG1” era predominantemente relacionada às pautas de “cultura” e de “turismo”. Após o colapso, as matérias dessas seções diminuem e as reportagens sobre “meio ambiente”, “política” e “polícia” passam a fazer parte da cobertura jornalística em Mariana, representando parcela considerável dos assuntos/temas sobre a cidade no “MG1”.

A editoria “cidade” continua frequente em ambos os períodos, porém após a rompimento sua incidência é sempre destacando o desemprego e de que forma a economia da cidade iria reagir com a interrupção das atividades da Vale na região. As pautas ligadas a “política” tiveram aumento a partir das entrevistas diárias do prefeito de Mariana, Duarte Júnior (PPS).

Análise televisual da cobertura do “MG1” sobre o rompimento da barragem da Samarco em Mariana (MG)

A proposta metodológica quanti-qualitativa de Becker (2012) é estruturada em três etapas: 1. A contextualização/descrição do produto audiovisual (nessa pesquisa, portanto, o “MG1”); 2. A Análise Televisual (AT), propriamente dita, composta por uma parte quantitativa e por outra qualitativa; 3. A interpretação dos resultados alcançados.

O *corpus* de análise para essa pesquisa compreende 7 edições do “MG1”, exibidas na “Globo Minas” (Belo Horizonte e região metropolitana) e, posteriormente, disponibilizadas na íntegra na plataforma⁸ “Globoplay”. As edições selecionadas foram as do seguinte período: 6 de novembro (sexta-feira, dia posterior ao rompimento da barragem), 7 (sábado), 9 (segunda-feira), 10 (terça-feira), 11 (quarta-feira), 12 (quinta-feira) e 13 de novembro de 2015 (sexta-feira). Aos domingos não há edição do telejornal.

A metodologia quanti-qualitativa utilizada na análise é proposta pela pesquisadora Beatriz Becker (2012). Segundo Becker (2005, p. 33), “esta metodologia permitiu aos alunos interpretar os telejornais e compreender a narrativa dos noticiários [...]”. Portanto, é a partir dessa possibilidade de verificação da construção e da oferta de sentidos do

⁸ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/mg1/t/W7MJbpNeVy/>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

telejornal em suas narrativas audiovisuais que a AT foi proposta como metodologia para esse trabalho.

A estrutura metodológica indica que a primeira etapa é composta pela descrição e/ou contextualização da produção a ser analisada. Ou seja, o pesquisador reúne saberes sobre o produto audiovisual, nesse caso o telejornalístico “MG1”, bem como define o *corpus* a ser analisado. Essa fase inicial já foi realizada e descrita no subitem anterior.

O método ainda é composto por duas etapas: a Análise Televisual, propriamente dita, e a interpretação dos resultados alcançados. A AT é composta por uma análise quantitativa e uma qualitativa do *corpus* determinado. Na fase quantitativa cada edição será analisada a partir de seis categorias que nos permitirá detectar “marcas da estrutura e da narrativa do telejornal, que auxiliam a apreensão crítica” (BECKER, 2005, p. 33):

1. Estrutura do Texto/Narrativa: correspondem aos elementos que caracterizam a estrutura do produto audiovisual e da narrativa. Como o produto se apresenta, é produzido e distribuído. Dados como o tempo de duração, divisão de blocos, formatos presentes na obra e modo de organização dos conteúdos.

No “MG1” as edições analisadas têm aproximadamente 45 minutos de duração, divididos em 4 blocos. As “entradas ao vido” e uso de imagens aéreas se intensificaram durante os dias de cobertura do rompimento da barragem. No entanto, o desastre não ocupa a totalidade do tempo nas edições. Outras reportagens sobre “cultura”, por exemplo, dividem espaço com a cobertura em Mariana.

2. Temática: correspondem aos conteúdos, editoriais, no caso de programas jornalísticos audiovisuais, e aos assuntos abordados/privilegiados pelas narrativas audiovisuais na televisão ou na *web*.

Nas três primeiras edições analisadas (6, 7 e 9 de novembro de 2015) causas do rompimento, as histórias de vida de sobreviventes e vítimas e a busca por desaparecidos dominam o noticiário a partir de Mariana. Nas outras quatro edições as consequências econômicas, sociais e ambientais e a solidariedade são os temas mais frequentes das matérias no “MG1”.

3. Enunciadores: correspondem aos atores sociais presentes na narrativa, assim como seus modos de enunciação.

A cobertura nas edições analisadas é marcada pela imprecisão dos apresentadores e repórteres ao tratar o caso. Expressões como “mar de lama”, “enxurrada”, “tsunami de

lama”, são frequentemente empregadas pelos jornalistas para se referir a massa de rejeitos da extração do minério. As edições ainda contam a participação intensa das autoridades de segurança e de Estado, além de especialistas em desastres ambientais.

4. Visualidade: corresponde a instância cênico-visual, aos cenários e recursos gráficos.

Muitas imagens aéreas são utilizadas durante a cobertura, algumas são exclusivas geradas a partir do helicóptero da emissora (Globocop). Algumas imagens de arquivo são utilizadas em matérias que fazem histórico sobre as barragens em Minas Gerais. Os apresentadores e repórteres classificam algumas imagens como “cenas impressionantes”, “quase inacreditáveis”, outro repórter diz que busca “mostrar o melhor ângulo”.

5. Som: corresponde a banda sonora. Elementos como palavras, ruídos, trilha sonora e sua função na construção de sentido da narrativa junto às visualidades.

O áudio original dos vídeos amadores produzidos é utilizado como “efeito de certificação”. É possível ouvir gritos e pessoas ofegantes correndo durante o desastre.

6. Edição: corresponde ao processo de montagem da obra audiovisual. Como a combinação dos elementos das narrativas audiovisuais produzem sentidos.

Vários mapas e imagens de satélites são utilizadas no telão para contextualizar a região do rompimento e a área atingida.

Após a categorização, que forneceu subsídios para o segundo momento da AT, há a leitura das edições a partir de três princípios de enunciação na fase qualitativa em que se denota a linguagem do telejornal:

1. Fragmentação: corresponde a articulação dos discursos e narrativas no telejornal. Tem relação direta com a curta duração das unidades informativas e ao caráter enxuto e condensado da televisão.

Apesar da longa duração das “entradas ao vivo” no telejornal as edições são divididas entre outros assuntos. O que deixa o “MG1” fragmentado, intercalando assuntos distintos entre a cobertura do desastre.

2. Dramatização: corresponde à natureza ficcional do telejornal e sua dialogia com a dramaturgia no modo como as fontes e os jornalistas são apresentados ao público como personagens/arquétipos, e como a narrativa jornalística audiovisual é conduzida de forma que o relato tenha um clímax e um desfecho.

A partir desse princípio enunciativo foi possível identificar que no estúdio os apresentadores se portavam como “maestros” regendo as edições em tom pedagógico e orquestrando a participação de repórteres em Mariana e dos entrevistados (geralmente autoridades e fontes oficiais) no estúdio em Belo Horizonte.

3. Definição de Identidades e Valores: corresponde ao modo como problemas sociais e conflitos locais e globais são julgados e qualificados.

As edições dão destaque ao que o poder executivo chama de “medidas positivas” da Samarco no pós-rompimento.

Considerações finais

Podemos compreender que o desastre afetou gravemente a vida de comunidades próximas da Bacia Hidrográfica do Rio Doce – e, ainda, permanece ameaçando a manutenção e continuidade do modo de vida das populações, com agravamento, inclusive, dos problemas de saúde. Houve o comprometimento da economia regional e a destruição da agricultura, pecuária, comércio, serviços e atividade pesqueira em toda a bacia hidrográfica, além da infraestrutura pública e privada nos municípios afetados. Também teve a perda de alguns serviços, como o de abastecimento de água, esgotamento sanitário e produção de energia elétrica.

O episódio traumático e marcante do rompimento da barragem de Fundão em Mariana fez com que Bento Rodrigues se tornasse um “Santuário de Memória” (BARBOSA, 2004) ou um “lugar de memória” (NORA, 1984). É um signo de reconhecimento e pertencimento de determinado grupo que vivenciou momentos iguais e semelhantes, ou seja, a tragédia e um terror em determinado período.

Com a aplicação da AT é possível destacar a imprecisão técnica dos apresentadores e repórteres ao abordar a questão com nomes de outros eventos climáticos. As reportagens acabam por reforçar a ideia de apagamento da história e da memória dos distritos atingidos. Cabe ressaltar, que a cobertura é quase totalmente focada em Mariana e Bento Rodrigues. Outros municípios e distritos atingidos quase não aparecem ou são referidos como “lugarejo”, “vilarejo”. As edições contam com reportagens mais silenciosas e com entonação sóbria dos apresentadores e repórteres marcando um “enlutamento” do “MG1”.

A partir do levantamento no site “G1”, das matérias do “MG1” sobre Mariana antes e depois do desastre, fica evidenciado que apesar da lama ter destruído parte da região, na mídia a cidade “(re)nasceu” com o ocorrido, as narrativas sobre a morte ressignificaram a cobertura jornalística sobre Mariana e região, com destaque não apenas as chamadas “pautas frias”, sobre “cultura” e “turismo”, mas, com matérias sobre a qualidade de vida da população, situação econômica e perspectivas sociais pós-rompimento. Mariana segue tendo destaque nos telejornais locais da “Globo Minas”, ainda com matérias ligadas ao rompimento da barragem, abordando a questão das indenizações dos atingidos e o andamento dos processos na justiça. Reportagens que fazem memórias e retrospectivas da tragédia com as famílias e as vítimas do desastre também são habituais.

Referências

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UESP: São Paulo, 2004.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BECKER, Beatriz. Televisão e Telejornalismo: Transições. 1 ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016. 252 p.

_____. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. MATRIZES, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 231-250, janeiro/junho 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38335/41197>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

_____. A linguagem do telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2005. 179 p.

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana; MATEUS, Lara. Pensando e fazendo jornalismo audiovisual: a experiência do projeto TJ UFRJ. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

CASTRO, Celia Romea. As cidades literárias e a recriação comunicativa dos espaços urbanos. Universidade de Barcelona. In: PRYSTHON, Angela (Org). Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

FLORENZANO, Ezequiel Afonso. Tragédia midiática: Uma abordagem sobre a cobertura do crime ambiental em Mariana. 2018. Monografia (Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora), Juiz de Fora, 2018.

G1. Antes e depois das barragens em Mariana, 2015. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/2015/antes-depois-barragens-em-mariana/>. Acesso em: 28 de junho de 2019.

IBAMA. Rompimento da Barragem de Fundão: Documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG, 2016. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/recuperacao-ambiental/rompimento-da-barragem-de-fundao-desastre-da-samarco/documentos-relacionados-ao-desastre-da-samarco-em-mariana-mg>. Acesso em: 28 jun. de 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Covid-19 no Brasil. 2020. Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 5 out. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (MPF). MPF denuncia 26 por tragédia em Mariana (MG), 2016. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/mpf-denuncia-26-por-tragedia-em-mariana-mg/>. Acesso em: 28 jun. de 2019.
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

NEGRINI, Michele. A morte no telejornalismo – As relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

NORA, Pierre. Les Lieux de Mémoire. La République. Présentation. Entre mémoire et histoire. Paris: Gallimard, 1984.